

ARTE E LINGUAGEM II.

MÓDULO II

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

Tópico 4
*Relações conceituais e teóricas
em Arte Visual.*



Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE
VISUAL
ensino

Até aqui foram abordadas questões relativas à configuração da Arte Visual, substâncias de Expressão um panorama de seu percurso histórico.

Recomendo a leitura do N.12 do V.4 da Revistas Reflexões sobre Arte Visual cujo tema aborda as transformações da Arte Visual. De modo geral as análises das Obras de Arte são realizadas por meio dos textos críticos, independente de quem os realiza.

Tradicionalmente tais textos eram produzidos por pensadores, escritores que tomavam a Arte por referência e procuravam explica-la ou justifica-la mediante um recorte pessoal obtido de sua relação com as obras, os artistas, ou as pessoas com as quais se relacionava no seu ambiente social.

Não havia, até bem pouco tempo, procedimentos metodológicos ou “científicos” que amparassem o pensar ou a produção crítica.

A veiculação dos textos críticos era feita em periódicos como jornais ou revistas, às vezes e depois de algum tempo, coleções destes textos podiam ser reunidas em publicações editoriais que justificavam a produção de livros de um ou mais autores. Com a migração do ensino de Arte para os cursos superiores, a produção crítica também passou a ser realizada neste ambiente. O problema é ficar restrita ao meio acadêmico.

De modo geral a crítica se caracterizava no campo da literatura ou do jornalismo e depois no campo acadêmico. O jornal e depois as revistas foram os veículos mais frequentes para sua difusão, especialmente a partir do Modernismo que coincidiu com o desenvolvimento das publicações periódicas. O avanço das tecnologias gráficas expandiu e diversificou a produção de textos de toda ordem, inclusive, críticos.

Até as décadas de 60, 70 e 80 do século passado eram comuns os cadernos culturais, literários e científicos em jornais e também revistas especializadas em várias áreas. A partir da década de 90 o recrudescimento econômico e a diminuição do interesse pela leitura fez com que a produção editorial reduzisse as publicações ao interesse de públicos mais heterogêneos e menos exigentes, neste sentido, a produção cultural praticamente desapareceu.

Com tudo isto, a responsabilidade de promover o pensamento crítico, como também o desenvolvimento da literatura especializada em Arte Visual recai, em boa parte, sobre o campo acadêmico, daí a necessidade de constituir disciplinas dedicadas ao campo teórico no ambiente acadêmico dos cursos superiores, sejam da graduação ou pós-graduação.

Uma das linhas de análise sobre as Obras de Arte é o rastreamento das transformações visuais. Isto se caracteriza pela identificação do que se chama de “Estilo”, “Escola” ou “Tendência”. Uma “linha do tempo” é a organização cronológica para organizar a aproximação com as obras de Arte no intuito de conhecer e analisar suas manifestações, é aí que entram os métodos ou percursos analíticos para o desenvolvimento destes estudos.

Um deles se configuram por meio das análises do contexto social no qual tais obras são produzidas; outro pode ser o estudo das biografias dos produtores de Arte, pode-se ainda analisar os motivos, funções e finalidades da produção artística ao longo do tempo em suas localizações ou em certos períodos e locais. Enfim, há várias possibilidades de abordagem, é importante escolher ou identificar qual delas é a mais relevante para o tipo de estudo que se quer desenvolver neste campo de conhecimento.

Tomando tais premissas como possibilidades de estudo é importante falar das Teorias que abordam, se envolvem ou são recorrentes para os estudos sobre Arte Visual. De um modo ou de outro, sempre que se aprecia ou se analisa uma ou um conjunto de Obras de Arte, adotam-se pressupostos formais ou informais. São formais quando há consciência em escolher e adotar um dado caminho teórico, informal quando não se adota um percurso pré-definido, o que não é ideal, pois assim não se sabe onde irá chegar.

A ementa da disciplina diz: *estudo de teorias e metodologias aplicadas à compreensão dos processos de geração de significado por meio de imagens e realização de leituras de imagens.* Por isto é necessário apresentar as várias linhas teóricas que surgiram da produção de conhecimento sobre a Arte Visual. Este tópico apresenta algumas possibilidades conceituais para desenvolvimento deste conhecimento.

THEORIA, do grego, se refere ao conjunto organizado de dados ou princípios que servem à explicação de diferentes fenômenos. Tais fenômenos podem ocorrer na natureza ou na cultura e dentro da cultura, em cada uma de suas manifestações, quer seja na sociedade em geral, na ciência ou na Arte. Portanto, as teorias podem assumir diferentes abordagens, características, perfis, recortes, condutas ou ideologias. No contexto da arte pode-se dizer que há muitas abordagens que tendem ser consideradas como Teorias. Tais Teorias podem ser próprias do contexto da Arte, apropriadas ou associadas ao seu conhecimento.

A *theoria* indica: contemplação, reflexão, introspecção, na linguagem comum se refere a uma ideia nascida com base em alguma hipótese, conjectura, especulação ou suposição, mesmo abstrata, sobre a realidade. Também designa conhecimento descritivo puramente racional ou um modo de pensar e entender algum fenômeno a partir da observação, ou seja, teoria pode significar a especulação sobre algo a ponto de transformá-lo em conhecimento. Estes são vieses que podem ser adotados como base para refletir sobre as Teorias no campo da Arte Visual.

Muitos autores se dedicaram às questões teóricas sobre Arte Visual, seja por meio da observação, da apreciação, da análise, da crítica, enfim foram e são tantos os modos e meios para abordar as manifestações artísticas segundo algumas vertentes que têm sobressaído nos recortes dos autores aqui arrolados. É esta a linha de raciocínio adotada para escolha dos dados e informações e reflexões aqui apontadas.

Aqueles que apreciam as manifestações artísticas tendem a estabelecer relações entre o que está posto e o que é possível inferir, deduzir, projetar e entender do processo por meio do qual a Obra foi instaurada para produzir sentido ou significação. Isto motiva os estudos para abordar as manifestações artísticas para explicá-las para si e para os outros. Enfim são muitas as possibilidades que emergem de todas elas.

O que motiva alguém a se aproximar, observar e falar sobre Arte é um “enfrentamento” proativo instaurado por meio de um processo de troca entre o que aquilo que quem observa vê, o que apreende, compreende, internaliza e exprime. Contudo nem sempre o que internaliza é traduzível em palavras ou pelos limites da expressão verbal. Cada manifestação artística é amparada pelos seus próprios meios de realização e sua configuração e como tal, depende também da compreensão destes meios, processos, substâncias que lhe enformam e dão existência, logo, tal apreensão é técnica, estética e conceitual.

Para me referir a este processo, prefiro usar o termo “Apreciação” pois este me parece mais adequado para explicar a apreensão sensível e cognitiva das Obras de Arte em detrimento de outros termos usuais como Fruição ou Leitura. Fruir é desfrutar de algo que satisfaz e dá prazer, neste caso, teria quase que exclusivamente uma acepção positiva e prazerosa, o que nem sempre é motivado por algumas Obras de Arte. Muitas delas dialogam ou revelam conflitos, contendas, denúncias e valores negativos, o que seria, no mínimo, incompatível com o desfrute supostamente prazeroso da fruição.

Leitura, a meu ver, tem uma acepção muito próxima da linguística, portanto, aponta para o sistema de codificação e decodificação normativo verbal oriundo da língua e linguagem usuais o que é incompatível, por princípio, com a Arte Visual. Esta incompatibilidade tem por base a independência da Arte Visual, principalmente após o Modernismo. Ela não se dispõem a adotar regras, modelos, cânones ou padrões de gosto alheios às suas próprias concepções e possibilidades que a tornem algo “traduzível”. As proposições artísticas que surgiram durante todo o século XX apontaram mudanças radicais de paradigmas estéticos.

Por isto a ideia de Apreciação cumpre, a meu ver, a função de estabelecer uma relação de reciprocidade entre as Obras de Arte e as pessoas que se propõem a interagir com elas no sentido da descoberta, relações e interpretações já que não se busca a constatação do já sabido ou o Reconhecimento, como já disse antes neste texto. Portanto a Apreciação tomada como processo de ir e vir possibilita o compartilhamento de dados entre autor, meio, ambiente social e a compreensão. Por meio deste processo é possível construir o conhecimento sobre a Arte Visual como um todo.

Este conhecimento “como um todo” não é tomado como universal, mas amparado nas vertentes teóricas que possibilitam as diferentes entradas para a apreciação artística. Disse que as Teorias da Arte ou as diferentes Teorias passíveis de serem usadas para aproximação ou apreciação artística são muitas, das mais tradicionais às mais recentes. Sempre que se observa, analisa, aprecia uma Obra de Arte se faz por meio de um viés teórico, recortes ou “pontos de vista” independente de quem aprecia ter ou não consciência disto. Os olhares não são inocentes ou particulares, mas instituídos social e culturalmente.

É necessário entender que a Cultura, definida antropologicamente surge da relação entre o que está posto na natureza e o que foi construído a partir dela ou na relação com ela. Os primeiros seres humanos ao se apropriarem de coisas do entorno e dar-lhes funções diferentes do que eram estavam construindo a Cultura. Um pedaço de pedra apropriado para ser usado como um instrumento de corte, um galho tomado para se tornar uma alavanca para deslocar pedras e coisas se tornava ferramenta. Enfim tudo o que fazia para viver e se comunicar virava Cultura.

Portanto a relação dialógica entre Natureza e Cultura sempre esteve presente na humanidade e por consequência também na construção do conhecimento fosse espontâneo, filosófico, científico ou artístico.

Habitualmente buscam-se as marcas civilizatórias da humanidade tomando por referência as marcas, rastros de diferentes ocupações humanas na face do globo. Normalmente tais marcas ou rastros são as fontes de estudo da Arqueologia, uma conduta exploratória desenvolvida para detectar humanidade nos mais diferentes indícios de presença nos vários lugares onde as civilizações podem ter iniciado.

Grande parte do que se sabe da humanidade “não histórica”, ou seja, Pré-Histórica, depende da existência de rastros, vestígios, marcas impressas ou residuais no ambiente de pesquisa. Por meio de tais informações é possível inferir, deduzir e criar hipóteses que se tornam conhecimento e ocupam diferentes linhas teóricas. O surgimento dos registros verbais, da fala, por meio de sinais, signos, que representavam a oralidade construíram o que se chamou de escrita e assim admitiu-se uma mudança civilizatória substancial e o estudo sobre ela. Assim surgiu a História.

Como “fiéis” representantes da cultura ocidental eurocêntrica, toma-se como origem ordenatória do percurso cronológico das transformações que ocorreram nos diferentes grupamentos humanos o conceito instaurado desde a Grécia. Primeiro pelos gregos Herodoto, depois Tucídides e mais tarde por Cícero, romano. Esta é a matriz mais conhecida da historiografia tradicional. A história se inicia com narrativas, depois com a comprovação pragmática dos fatos, depois as relações entre narrativas, fatos e evidências que a define como um ramo da Ciência. Enfim, História também tem História.

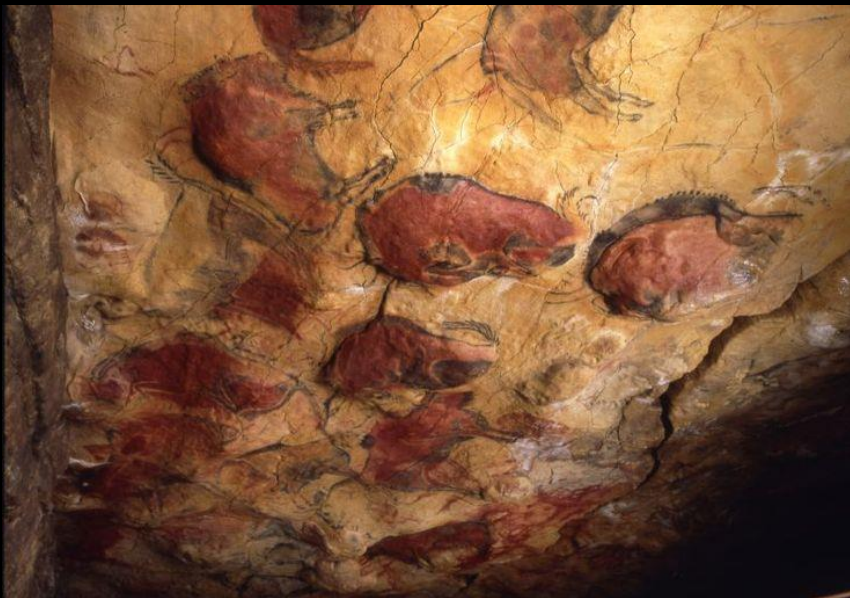
Há um percurso cronológico tanto em relação à construção de um método quanto em relação a busca pela credibilidade. Dotar uma nação de História é dizer que ela adquiriu um caráter permanente, se tornou parte relevante da humanidade e, por conta disto, deve ser respeitada como nação ou referência civilizatória. Normalmente escrever sua própria história é narrar a saga de sua presença, conquistas, glórias e predomínio sobre seus semelhantes. É possível ver isto desde as primeiras narrativas até as construções midiáticas contemporâneas.

Ao olhar para a concepção tradicional da história, seria praticamente impossível extrair história de vestígios civilizatórios e imagens criadas a milhares de anos. Isto mudou com a Arqueologia, processo que passou a ser praticado a partir do Período Moderno com a criação da primeira escola de Arqueologia por Lorenzo de Medici estimulado pela busca das origens e glórias do passado do Império Romano. Entenda-se, como disse antes, o uso da história pregressa para justificar o poder e a prepotência de uma nação sobre outras. O poder usa diferentes estratégias para garantir sua permanência.

A busca por uma consolidação nacional via tradição apontam que, desde tempos imemoriais, algumas nações já detinham o poder, talvez divino, que “garantia” sua preponderância sobre outras. Isto é o que transparece nas “histórias” das civilizações mais fortes da antiguidade como Egito, Grécia e Roma, por exemplo. Assim nasce a busca pela “tradição” como um meio de garantir a permanência do poder. No final do séc. XVI, o francês Jacques Spon usa os termos *archéologie* e *archéographie* (1599); na Inglaterra *archaeology* (1607); Itália *archeologia* (séc. XVII) e Portugal *archeologia* (1789).

O antiquário inglês John Aubrey (1626-1697), publica a primeira planta do sítio de Stonehenge, "*A iconografia de Stonehenge*" em 1666. Um dos primeiros estudos sistematizados sobre edificações o passado remoto. Vale a pena pensar que a questão arqueológica volta a ser tema, agora por meio da descoberta da Caverna de Altamira, no município de Santillana del Mar, Cantábria, Espanha, em 1868 quando Modesto Cubillas, um caçador descobre sua existência. No entanto, isto não parece ter importância na época. Mais tarde é que a caverna é reconhecida como um sítio arqueológico pré-histórico.

Marcelino Sanz de Sautuola visita a caverna em 1875, 1876 e só em 1879 é que "descobre" as pinturas, não ele, sua filha María Faustina Sanz Rivarola, que entra na caverna e volta dizendo ao pai que havia encontrado muitos "bois". A partir daí começa a saga de Sautuola para tentar provar a existência de pinturas feitas muito antes da Antiguidade. Em 1880, Sautuola publica um estudo intitulado "*Breves apontes sobre alguns objetos pré-históricos da província de Santander*". Nele sustinha a origem pré-histórica das pinturas e incluía uma reprodução gráfica, mas não foi reconhecida até 1902.



Acima desenhos de Sautuola na primeira publicação sobre a Caverna de Altamira de 1880, ao centro desenhos de Cartailhac e Breuil em 1906 e abaixo uma fotografia recente da caverna. É fácil imaginarmos o estranhamento e o impacto que tal descoberta provocou nas concepções da Arte no século XIX, basta entender que desde o momento em que Sautuola constata a existência das pinturas pré-históricas e o reconhecimento, passaram-se 22 anos, na maioria deste tempo Sautuola foi considerado um falsário e acusado de ter feito tais pinturas para ganhar notoriedade. É fácil entender isto pois a tradição nem sempre está aberta a mudanças...

O reconhecimento da descoberta de Sautuola vem com Émile Cartailhac, um dos opositores à autenticidade de Altamira, ao reconhecer a descoberta de gravuras e pinturas a partir de 1895 nas cavernas francesas de La Mouthe, Combarelles e Font-de-Gaume, fez reconsiderar a sua postura. Após visitar a caverna, escreveu na revista *L'Antropologie* (1902) um artigo intitulado *La grotte d'Altamira. Mea culpa d'un sceptique* (*A caverna de Altamira. Mea culpa de um céptico*). Esse artigo implicou o reconhecimento universal do caráter paleolítico das pinturas de Altamira.

Bem aqui ocorre o cruzamento entre a História, a Arqueologia e a Arte. A descoberta de que existiam imagens produzidas há milhares de anos colocou em xeque a concepção de que a Arte havia surgido apenas a partir da Antiguidade. Mas o que dizer da Arte Pré-Histórica se ela não pertencia à História e era feita por pessoas sem “civilização”? Bem os estudiosos tiveram que encontrar meios, hipóteses e teorias que justificassem ou explicassem a existência de tais manifestações que não eram apenas vestígios de fogueiras, artefatos, ferramentas e dejetos humanos, mas resultado de processos criativos e estéticos.

Mais descobertas. em 12 de Setembro de 1940, quatro adolescentes: Marcel Ravidat, Jacques Marsal, Georges Agnel e Simon Coencas, avisaram ao seu antigo professor, Léon Laval sobre a descoberta. No entanto foi o pré-historiador Henri Breuil, o primeiro especialista que a visitar Lascaux, em 21 de Setembro de 1940, com Jean Bouyssonnie e André Cheynier. H. Breuil foi também o primeiro em autenticá-la, descrevê-la e estudá-la. Com isto a Arte Pré-Histórica passa a ser reconhecida e as teorias para explica-la começam a surgir, especialmente a da Magia Simpática e Propiciatória de Breuil.

Breuil apresentou trabalhos em torno do tema "*A arte parietal*", contribuindo para construir as hipóteses sobre a Arte na Pré-história e contribuir para as teorias da Arte deste período. Outro grande impacto da Arqueologia sobre a Arte se deu com a descoberta das ruínas de Pompéia e Herculano em 1738 foi a descoberta de maior impacto cultural no século XVIII cuja influência sobre Arte Visual, a Arquitetura e Filosofia foi inegável, especialmente no contexto do Neo-Classicismo e renovou a Arqueologia. Foi um reforço para a tradição que já praticava o Academicismo na Arte Visual.

Considera-se, entretanto, que as reflexões sobre a Arte tenham iniciado com a Filosofia grega, neste caso, pode-se considerar que as Teorias sobre ela começaram aí também. Primeiro é necessário entender que a acepção usual de Arte foi atribuída, em geral, a qualquer habilidade especial, na maioria das vezes, pragmática, que uma pessoa pudesse ter e/ou demonstrar. Contudo, Arte Visual na compreensão que se tem hoje é muito mais recente e deve boa parte desta concepção à Estética, ciência que surgiu no século XVIII com Alexander Gotlieb Baumgarten a partir de seu livro de 1750, “Estética como ciência do belo e da arte”.

O que faz Baumgarten foi distinguir a Estética da Filosofia, campo no qual as reflexões e teorias artísticas eram realizadas desde o momento em que as concepções herdadas da cultura clássica greco-romana passaram a ser praticadas e defendidas a partir da fundação das Academias no Renascimento Italiano. A reivindicação de um campo teórico próprio para a Arte é o marco para a busca e consolidação da Arte enquanto campo de conhecimento em “pé de igualdade” com as demais ciências ou teorias científicas. Aqui volto às Teorias da Arte Visual.

Para isto vou recorrer a alguns títulos e autores que tomaram o tema das Teorias da Arte como um recurso organizar o pensamento em torno das abordagens sobre as manifestações artísticas, ora sobre a produção de artistas, ora sobre o conjunto de obras de um período, ora sobre as razões subjacentes, teóricas ou estéticas, que ampararam a Arte desde seus primeiros momentos. Como professor no campo da Arte Visual me sinto sempre na obrigação de sedimentar o caminho para os estudantes trilharem com menos acidentes, marcando-o com referências que os auxiliem a percorrê-lo.

Como disse inicialmente, considero o conceito de Teoria bem aberto no intuito de incluir várias vertentes de pesquisa, estudo e reflexões sobre a Arte Visual. Assim vou falar a partir de alguns textos e autores que se preocuparam em facilitar o entendimento deste campo. É difícil compreender Arte apenas com o que está disponível no contexto social e midiático contemporâneo. Acredito que isto aconteça com todas as áreas. Sem um aporte teórico e educacional mínimo é, praticamente impossível conhecer ou reconhecer as várias ciências como também as estratégias propositivas da Arte Visual contemporânea.

No livro “Guia de História da Arte”, Giulio Carlo Argan e Maurizio Fagiolo, se dedicam às questões gerais da História da Arte e apontam, entre outras coisas, algumas das vertentes teóricas das manifestações artísticas. O livro se apresenta como uma espécie de manual de estudos. Trata das questões das teorias quando aborda as Metodologias de abordagem da História da Arte ou das manifestações artísticas.

Distingue algumas: a Formalista, a Sociológica, a Iconológica, e a Semiológica ou Estruturalista, no fundo, todas se referem aos aportes teóricos sobre Arte Visual como estratégias de conhecimento.

Jean-Luc Chalumeau, historiador da Arte, delimita cinco grandes famílias de teorias da arte: a Fenomenológica, a Psicológica, Sociológica, Formalista e Estruturalista. Troca a Iconológica de Argan pela Psicológica. De certo modo ambos colocam linhas de pensamento por meio dos quais é possível amparar o pensamento ou as reflexões sobre a produção artística ou a História da Arte. Neste sentido as Teorias acabam sendo os caminhos para chegar a algum lugar, portanto, pode-se pensar que tanto a própria Filosofia como pensamento fundador ou a História como método de abordagem, são bases teóricas.

Harold Osborn que, juntamente com Herbert Read, fundaram a British Society of Aesthetics em julho de 1960, uma das principais organizações internacionais dedicadas à promover a pesquisa e difusão sobre Arte. Foi também editor do *The British Journal of Aesthetics* de 1960 a 1977. Diz que há certas tendências ou interesses que sempre ordenam os caminhos teóricos: um deles seria o pragmático ou *instrumentalista*; outro caminho seria o do espelhamento ou *naturalista*; e outro ainda o da estética ou *formalista*. Estes seriam para Osborn, os três campos teóricos possíveis.

Mais recentemente, Anne Cauquelin, artista e escritora, faz um apanhado das teorias recentes e propõe categorias como fez Osborn. Fala se um primeiro momento das reflexões sobre arte como *Teorias da Fundação* partindo da base filosófica grega e seus desdobramentos; continua pelas *Teorias Injuntivas* como o desenvolvimento crítico das teorias fundantes; aborda as *Teorias de Acompanhamento* pela hermenêutica e semiologia; depois fala das *Práticas Teorizadas*, ou seja, os modos pelos quais a produção artística influencia sua apreciação, reflexões e crítica. Aponta caminhos possíveis.

Uma linha teórica que percebo estar presente nas pesquisas e produção de conhecimento, desde Herbert Read, é a Educacional. Considerando que parece ser cada vez mais evidente que a pesquisa *sobre Arte e em Arte*, depende de uma cobertura institucional menos contaminada pelo mercado, neste sentido, a opção mais viável tem sido o da Academia, nas Universidades. O campo do Ensino, hoje em dia, tende a contemplar tanto a formação pedagógica quanto para a pesquisa e produção artística, portanto tem sido o lugar preferencial para manter a Arte como um campo do conhecimento humano.

Lev Vygotsky defende a psicologia como teoria da Arte. Entende que as obras de arte são compostas de signos, criados com o intuito de gerar emoções estéticas. Para ele este aspecto da obra de arte significa que a Arte, além de conter sentidos, também atua psicologicamente sobre os indivíduos. Portanto, pode provocar novas organizações do psiquismo na medida em que, como instrumento da cultura, provoca novas generalizações entre forma e conteúdo. Para compreendê-la é necessária uma relação dialética entre pensamento, razão e emoção.

No relacionamento entre a Arte e a Educação, além de Read, pode-se destacar Victor Lowenfeld, Rudolf Arnheim, Huizinga, Langer, Jean Piaget, John Dewey, Mc Millan e mais recentemente estudiosos como Fernando Hernandez e Michael J. Parsons.

No Brasil Augusto Rodrigues, Noêmia Varella, Ana Mae Barbosa entre outros.

Não faltam teorias e abordagens para subsidiar as pesquisas e os trabalhos no campo da Arte Visual. O que importa é definir o percurso teórico/conceitual que se quer trilhar para dar estabilidade e validade para seus estudos.

Atividades

Leituras Indicadas pela bibliografia da disciplina e disponível na Biblioteca central.

Leitura de textos Disponíveis em TEXTOS:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

Leitura da Revista Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

TICs

MULTIMÍDIA - com vídeos, tutoriais e podcasts:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php>

Audição do Podcast Reflexões sobre Arte Visual, disponível em:

<https://podcasters.spotify.com/pod/show/isaac-antonio-camargo>

Questões para leitura e avaliação:

1. Qual a função dos textos sobre Arte Visual?
2. Qual a relação entre a produção de textos sobre Arte e o Ensino Superior de Arte Visual?
3. O que são e para que servem as Teorias?
4. Cite três tendências teóricas apresentadas no texto.
5. Quais teorias se preocupam com o Ensino?